



**“A nova-seita não irá prosperar”:
o discurso antiprotestante no jornal
A Fé Christã (Penedo/AL)
(1902-1907)**

CÉSAR LEANDRO SANTOS GOMES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO 

CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA

Clio (Recife, Online), v. 42, ano 2024

<https://doi.org/10.51359/2525-5649.2024.257897>

e-ISSN: 2525-5649





"A nova-seita não irá prosperar": o discurso antiprotestante no jornal A Fé Christã (Penedo/AL) (1902-1907)

RESUMO: O início do Regime Republicano brasileiro testemunhou a consolidação dos órgãos de imprensa como um dos principais meios de comunicação e difusão cultural em massa. Compreendida como um meio de intervenção social e de legitimação das relações de poder na sociedade, a imprensa, através de sua materialidade, passou a ser reconhecida como uma ferramenta para a circulação de discursos e ideias nas diversas esferas sociais. No campo religioso, em particular, ocorreram transformações intensas, incluindo a separação entre a Igreja e o Estado, assim como o estabelecimento jurídico da liberdade religiosa, permitindo a manifestação de diferentes crenças além do catolicismo. Nesse cenário, surgiu em 1902 o Jornal *A Fé Christã* na cidade de Penedo, no agreste do estado de Alagoas. Voltado para os "interesses católicos", conforme declarado em suas primeiras edições, o periódico se destaca por ilustrar o alinhamento do corpo eclesiástico alagoano com a política ultramontana. Portanto, este texto tem como objetivo analisar os discursos antiprotestantes católicos presentes no jornal de Penedo, com o intuito de compreender as práticas discursivas utilizadas para reforçar as representações sobre os movimentos protestantes e demarcar as suas posições na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; religião; catolicismo; antiprotestantismo.

"The new sect will not prosper": the anti-protestant discourse in the newspaper A Fé Christã (Penedo/AL) (1902-1907)

ABSTRACT: The beginning of the Brazilian Republican Regime witnessed the consolidation of the press as one of the main means of mass communication and cultural diffusion. Understood as a means of social intervention and legitimization of power relations in society, the press, through its materiality, became recognized as a tool for the circulation of discourses and ideas in various social spheres. In the religious field, intense transformations took place, including the separation between Church and State, as well as the legal establishment of religious freedom, allowing for the expression of different beliefs beyond Catholicism. In this scenario, the newspaper *A Fé Christã (The Christian Faith)* emerged in 1902 in the city of Penedo, in the countryside of the state of Alagoas. Geared towards "Catholic interests," as declared in its early editions, the periodical stands out for illustrating the alignment of the Alagoas ecclesiastical body with ultramontane politics. Therefore, this text aims to analyze the anti-Protestant Catholic discourses present in the Penedo newspaper, in order to understand the discursive practices used to reinforce representations of Protestant movements and mark their positions in society.

KEYWORDS: press; religion; catholicism; anti-protestantism.

“A nova-seita não irá prosperar”: o discurso antiprotestante no jornal *A Fé Christã* (Penedo/AL) (1902-1907)

CÉSAR LEANDRO SANTOS GOMES

Imprensa, habitus e discurso

O texto tem como propósito analisar os discursos antiprotestantes no jornal católico *A Fé Christã*, publicado entre os anos de 1902 a 1907 na cidade de Penedo, localizada no agreste do estado de Alagoas. O periódico confessional em questão se destacou como o principal porta-voz da recém-criada Diocese de Alagoas (1900), sob o governo episcopal de Dom Antônio Castilho Brandão (1901-1910). Ao longo de suas páginas podem ser lidas publicações burocráticas, destacando a função do jornal como uma ferramenta utilizada pelo bispado para repassar aos párocos os seus encaminhamentos a respeito da administração e disciplina eclesiástica.

Em paralelo a esse aspecto, também são observadas publicações de textos com teor polêmico e militante, o que indica o uso do periódico *A Fé Christã* pela instituição católica como um instrumento para fortalecer sua hegemonia e disputar espaço na sociedade com outros credos e expressões filosóficas contrárias à sua doutrina. Conforme apontado por Irinéia dos Santos, tais limites entre as questões da burocracia eclesiástica e da apologética caracterizavam a dupla função proposta à imprensa católica da época. Ainda conforme a autora:

Dois papéis foram exercidos pela imprensa católica em Alagoas, neste período: (1) a partir de 1900, a organização do recente bispado de Alagoas deu-se dentro do modelo tridentino e ultramontano (romanização); neste caso, a centralização da vida da diocese foi intensificada, com uma forte divulgação na imprensa das devoções e da doutrina católica romana, propagando conjuntamente uma visão

social de mundo conservadora a respeito da ordem social e moral. E, (2) as tensões e conflitos no campo religioso alagoano, tendo o catolicismo como polemizador frente a outras visões de mundo. Tal imprensa pode ser identificada, portanto, como militante, polêmica e apologética, acompanhando a identidade católica do período.¹

Ao longo das edições do *A Fé Christã* verifica-se a publicação de cartas circulares do bispo diocesano, direcionadas aos párocos alagoanos, a fim de que se aplicassem as determinações episcopais a respeito da gestão eclesiástica em suas respectivas paróquias. Mas também é possível notar o uso do jornal no sentido apologético, levando em conta que haveria pelo menos quatro vertentes filosóficas e religiosas às quais o periódico católico visava combater: a modernidade, a maçonaria, o protestantismo e o espiritismo/fetichismo.²

Os traços específicos dos discursos no *A Fé Christã*, contra a propaganda protestante em Alagoas, constitui o objetivo central desse texto. Contudo, é preciso, primeiramente, destacar que nas últimas décadas tem crescido o interesse pelo uso da imprensa como fonte de pesquisa histórica em diferentes abordagens socioculturais. A tomada dos jornais e revistas como documentos históricos não é algo novo, autores como Nelson Werneck Sodré, Renée Barata Zicman e Maria Helena Rolim Capelato já chamavam a atenção para o potencial analítico dos impressos e a respeito dos cuidados metodológicos que os pesquisadores devem ter ao se utilizar desse material.

De certo modo, tal movimento foi possível a partir do impacto da “Terceira Geração dos Anales”. Segundo Tânia de Luca, as pesquisas relacionadas a essa *nova perspectiva de História* trouxe, entre outras contribuições, a ampliação da noção de documento, o que possibilitou a análise de outras formas de registros produzidos pelos homens e mulheres ao longo do processo histórico.³ Para Jacques Le Goff um documento pode ser visto como “um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.⁴

É inegável a relação entre História do Brasil e História da Imprensa. São

¹ Irinéia Maria Franco dos Santos, *Imprensa Católica na Primeira República: uma história social do heddomadário A Fé Christã (Penedo/Alagoas)*, Maceió: EDUFAL, 2019, p. 85.

² César Leandro Santos Gomes, “Por mercê de Deus e da Santa Sé: as representações do projeto de reestruturação católica no bispado de Dom Antônio Manoel Castilho Brandão, Alagoas (1901-1910)”, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019, <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/5610>.

³ Ana Luíza Martins e Tania Regina de Luca (orgs.), *História da imprensa no Brasil*, São Paulo: Contexto, 2008, p. 114.

⁴ Jacques Le Goff, *História e memória*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 545.

áreas que caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se de forma recíproca.⁵ Esse pressuposto nos permite pensar a imprensa tanto como uma força ativa da História e não apenas como depositária de acontecimentos nos diversos percursos e conjunturas⁶, mas também como instrumentos de manipulação e intervenção da vida social, perpassada por posicionamentos políticos e relações de poder.⁷ Logo é importante ressaltar:

Convém lembrar que não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos.

Mais ainda, trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos. E que, como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro.⁸

Como destacado pelas autoras, a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, ou seja, há uma intencionalidade nas informações nesses veículos de comunicação. Portanto, é essencial enfatizar que não há neutralidade nos órgãos de imprensa. Cada publicação carrega consigo um propósito e uma intenção que estão relacionados com as dinâmicas de poder, podendo se alinhar ou divergir em diferentes momentos.

A estreita relação entre os veículos de imprensa e os interesses das classes dominantes lança luz sobre as categorizações que surgem em torno dessas representações midiáticas: a "boa imprensa", compreendendo os periódicos favorecidos, tidos como apropriados para o consumo, e a "má imprensa", associada àquela que perturbaria a ordem estabelecida e os valores sociais.⁹

Esta perspectiva ressalta que a seleção de conteúdo, a abordagem das notícias e a ênfase dada a determinados tópicos são influenciados pelo contexto

⁵ Martins e Luca, *História da imprensa no Brasil*, p. 1

⁶ Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Cunha Peixoto, “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”, *Projeto História*, v. 35, n. 2 (2007), pp. 253-270.

⁷ José D'Assunção Barros, *O jornal como fonte histórica*, Petrópolis: Vozes, 2023.

⁸ Cruz e Peixoto, “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”, p. 259.

⁹ Maria Helena Rolim Capelato, *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 28.

político, econômico e social vigente. A imprensa, ao invés de ser uma mera observadora imparcial, torna-se uma participante ativa na construção da realidade e na formação da opinião pública. É importante reconhecer que essa dinâmica complexa de influência mútua entre a imprensa e as estruturas de poder pode moldar as narrativas dominantes e até mesmo sustentar sistemas de desigualdade e exclusão.

No âmbito do sagrado, ao interpretarmos o Campo Religioso como "o domínio simbólico marcado por confrontos entre atores sociais com o propósito de estabelecer, validar e legitimar formas de representação por meio da aplicação do Poder Simbólico"¹⁰, é possível discernir a atuação dos meios de comunicação confessionais, em especial os ligados às correntes católicas e protestantes. Essa atuação está intrinsecamente vinculada às contendas e posições assumidas por seus protagonistas dentro dos espaços sociais. Nesse contexto, os órgãos de imprensa confessionais exercem uma influência considerável na configuração do Campo Religioso. Eles desempenham um papel crucial na disseminação de doutrinas, valores e crenças, bem como na promoção de perspectivas particulares sobre questões religiosas e sociais.

Um exemplo dessas disputas se observa na construção de um discurso de teor antiprotestante nas páginas dos jornais católicos. O conceito de antiprotestantismo, portanto, é útil para compreender como a prática institucional, a formulação de discursos, ideologias e ações, tem como objetivo legitimar a oposição do catolicismo em relação ao protestantismo. Essa prática demarca os espaços de disputa entre o catolicismo e o protestantismo na sociedade, podendo também assumir um sentido "mais combativo", interpretado através da existência de um embate entre a suposta "verdadeira religião" e a heresia¹¹, em prol da manutenção da ordem social.

Dessa forma, o que compreendemos como antiprotestantismo, em sua aplicação prática, guarda semelhanças com o que podemos designar como a manifestação de um *habitus* religioso. O *habitus*, neste contexto, é entendido como disposições interiorizadas a partir das relações sociais dentro de um determinado campo social, no caso, o religioso.¹² Além disso, o *habitus* pode ser encarado como um espaço de interações e redes sociais através das quais o

¹⁰ Pierre Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 179.

¹¹ O termo heresia é compreendido como uma produção tanto teológica, quanto social, dentro de uma determinada conjuntura. Segundo Georges Duby: "Todo herético torna-se como tal por decisão das autoridades ortodoxas. Ele é, antes de tudo e com frequência assim permanece sempre um herético aos olhos dos outros. Esclarecemos: aos olhos da Igreja, nos olhos de uma Igreja." George Duby, "Heresias e sociedade na Europa pré-industrial, séc. XI - XVIII", in *Idade Média, Idade dos Homens: de amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 206-216 (p. 209).

¹² Sérgio Miceli, "Introdução: A força do sentido", in Pierre Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. VII-LXI (p. XLI).

indivíduo acaba reproduzindo inclinações da classe em que está inserido, funcionando como uma forma de autoidentificação ou identidade.¹³ Ambas as situações compartilham uma característica fundamental: são aspectos que precisam ser fortalecidos para serem legitimados.

Uma ilustração dessa dinâmica é observada nas controvérsias doutrinárias entre os grupos católicos e protestantes, que encontram espaço nas páginas dos jornais confessionais com o objetivo de fortalecer a posição social de suas respectivas comunidades religiosas. Essa estratégia, por sua vez, transforma essas controvérsias em manifestações da identidade católica ou protestante. Desde os primórdios do Regime Republicano, torna-se evidente a necessidade de setores da Igreja Católica demonstrarem, frente à nova realidade política e social, a manutenção de sua hegemonia, interpretada por eles como também a preservação da ordem estabelecida.

Por consequência, os indícios mencionados estão ligados às possíveis estratégias adotadas pelo clero para estabelecer formas eficazes de interação com seus fiéis. Essa perspectiva nos permite analisar os discursos produzidos pelo periódico católico *A Fé Christã* como uma estratégia deliberada de conquista do público-leitor.¹⁴ Em outras palavras, direciona nossa atenção para a historicidade do discurso veiculado nesse jornal, sua relação dialética com o contexto de sua produção, os autores que o elaboraram e o público ao qual se destina.¹⁵

É notório que a imprensa confessional, ao engajar-se nesses debates doutrinários, não apenas busca reforçar a crença e a identidade de seus adeptos, mas também estabelece uma conexão entre as perspectivas religiosas e os acontecimentos sociais e políticos do momento. O uso estratégico desses discursos permite que os órgãos de imprensa consolidem sua influência sobre os leitores, apresentando-se como intérpretes autorizados das questões religiosas e, por extensão, como defensores dos valores e da ordem tradicional.

O termo "virada linguística" é utilizado para descrever um movimento intelectual dentro das ciências humanas que voltou sua atenção para o estudo das linguagens, contribuindo para o desenvolvimento da filosofia da linguagem e da sociolinguística. No âmbito historiográfico, esse movimento está conectado ao surgimento da Nova História Cultural (NHC) e trouxe como uma de suas contribuições um diálogo interdisciplinar entre a História e os Estudos Linguísticos. Isso possibilitou uma compreensão da linguagem como uma

¹³ Norbert Elias, *A sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 96.

¹⁴ Helena H. Nagamine Brandão, "Escrita, leitura, dialogicidade", in Beth Brait (org.), *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*, Campinas: Editora UNICAMP, 1997, pp. 281-290 (p. 286).

¹⁵ José Luiz Fiorin, "Organização linguística do discurso: enunciação e comunicação", in Roseli Figaro (org.), *Comunicação e Análise do Discurso*, São Paulo: Contexto, 2012, pp. 47-78 (p. 48).

prática social, moldada pela interação entre os sujeitos históricos.¹⁶

Nesse contexto, merecem destaque as valiosas contribuições de Mikhail Bakhtin e seu círculo nos estudos sobre os gêneros de fala ou discursos. Em específico, o desenvolvimento de conceitos como o *enunciado* (a unidade de comunicação discursiva e interação entre os sujeitos), a *polifonia* (as diversas vozes que emergem de um texto), a *poliglossia* ou *heteroglossia* (a interação entre diferentes gêneros discursivos, gerando novos significados e discursos), bem como as noções de circularidade, recepção e reapropriação dos discursos¹⁷, demonstraram ser relevantes para a compreensão das relações socialmente construídas entre os autores e os leitores.

As afinidades com as ideias de Bakhtin e seu círculo permitem-nos considerar os discursos produzidos em *A Fé Cristã* como enunciados e construções sociais. Portanto, é possível estabelecer uma relação com a perspectiva dialógica proposta pelo autor, ao contemplar o aspecto da intertextualidade. Ou seja, “o enunciado não se direciona apenas para o seu objeto, mas também dialoga com outros discursos sobre o mesmo tema”.¹⁸ Para Bakhtin e seu círculo, todo texto constitui uma realidade imediata e, como tal, possui um autor. Eles indicam que um texto carrega consigo “uma visão de mundo, uma corrente de pensamento, um ponto de vista, uma opinião que sempre encontram expressão verbal”.¹⁹ Desta maneira, a relação dialógica entre a textualidade e o discurso, conforme a visão de Bakhtin, pode ser resumida da seguinte forma:

Como signo, o texto se realiza no cruzamento de sujeitos discursivos, não porque suas palavras compõem um dicionário, mas porque mobiliza significados gerados no evento comunicativo. É no cruzamento, no enredamento de consciências que nascem as relações de sentido expressas nas enunciações, onde vamos situar o dinamismo que leva à composição do tecido-texto resultante da combinação de discursos-língua ou de gêneros discursivos. Se antes dissemos que todo texto pressupõe uma língua, podemos agora completar: todo texto é articulação de discursos língua que se manifestam nas enunciações concretas cujas formas são determinadas pelos gêneros discursivos. Vale dizer que texto está para a língua assim como o enunciado está para os gêneros discursivos; esta é a lógica que determina as relações

¹⁶ Peter Burke, *O que é história cultural*, Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 72.

¹⁷ Burke, *O que é história cultural*, p. 72.

¹⁸ Mikhail Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, São Paulo: Editora 34, 2016, p. 60.

¹⁹ Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, p. 60.

dialógicas e, conseqüentemente, a teoria do enunciado, de onde partimos para compreender as concepções fundamentais de Bakhtin sobre a textualidade. Enunciado que se realiza com a palavra, mas é determinado pelo contexto global da enunciação.²⁰

Logo, por meio da análise qualitativa temática busca-se examinar os sentidos dos discursos sobre o protestantismo que emergem nas páginas do periódico penedense. O seguinte artigo está dividido em dois momentos: primeiro procura-se entender a imprensa como um espaço de disputas hegemônicas, onde será brevemente observado a conjuntura pós-Proclamação da República, marcada pela utilização de jornais como ferramentas de embates no campo religioso. Em seguida, se dedicará a examinar artigos publicados no periódico católico *A Fé Christã* entre os anos de 1902 e 1907, a fim de averiguar a elaboração de discursos antiprotestantes e as representações construídas através das relações entre locutor e interlocutores, ou seja, autores e leitores. Dessa forma, demarcando como determinadas falas, ideias e representações da realidade são recebidas e assimiladas por diferentes classes sociais.

“As más leituras”: a imprensa como espaço de disputa religiosa

A conjuntura que sucedeu a Proclamação da República desempenhou um papel de grande relevância na reconfiguração das estratégias adotadas pela Igreja Católica no Brasil perante a sociedade. Esse momento crucial proporcionou a reestruturação institucional do catolicismo, caracterizada pelo estreitamento das relações entre o episcopado brasileiro e a Cúria Romana, um processo que ficou conhecido como Política Ultramontana ou Romanização.

Dentro desse contexto, uma das práticas que se destacaram na atuação da instituição eclesiástica foi a utilização da apologética. Essa abordagem teve como objetivo defender os interesses socioeconômicos e políticos da Igreja Católica, por meio do enfrentamento e da oposição a princípios filosóficos e religiosos que divergiam do catolicismo. Tais correntes, rotuladas como "erros da modernidade", passaram a ser consideradas apostasias contrárias à doutrina estabelecida pela instituição religiosa, conforme atestam os documentos pontifícios.

Desse modo, o período pós-Proclamação da República marcou uma fase

²⁰ Irene A. Machado, "Texto como enunciação: A abordagem de Mikhail Bakhtin", *Língua e Literatura*, v. 22 (1996), pp. 89-105 (p. 93), <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.1996.114125>.

de transição nas estratégias da Igreja Católica no Brasil. O emprego da apologética como instrumento de combate aos desafios modernos e de reafirmação da sua influência social reflete as complexidades e os desafios que a instituição enfrentava na construção de uma identidade religiosa coerente e coesa diante das transformações políticas e culturais do país. Em 1899 a realização do Concílio Plenário Latino-americano estabeleceu as diretrizes que seriam adotadas pela Instituição Católica durante toda a primeira metade do século XX. Os documentos gerados pelas discussões do sínodo foram as *Atas e Decretos Conciliares* que, em seu segundo capítulo, traz o direcionamento do combate a propaganda protestante na América-Latina, compreendida como a origem “de todos os erros políticos e sociais que perturbam as nações”. De acordo com o documento eclesiástico, as ideias propagadas pela Reforma Protestante foram a causa do surgimento de outros erros modernos, como o comunismo e o socialismo.

Outro ponto destacado pelo documento conciliar e de modo intrínseco relacionado a questão anterior mencionada, foi a prevenção contra as “más leituras” e o fortalecimento do que passou a ser denominada como *Boa Imprensa*, ou seja, uma imprensa voltada à defesa do catolicismo. Conforme afirmam os decretos conciliares tal recomendação se dava para evitar o perigo de “perversão eminente” através da leitura de folhetos, jornais e livros classificados “impuros”:

Entre as várias espécies de armadilhas com as quais os astutos inimigos da Igreja e da sociedade tentam seduzir e corromper o povo, uma das principais é aquela que há muito fornece seus desígnios perversos com o mau uso da arte da imprensa. Por isso, todos os seus esforços são para publicar, divulgar e multiplicar continuamente folhetos, jornais cheios de mentiras, calúnias e seduções.²¹

Tanto a utilização da imprensa pela Igreja Católica, como a preocupação pelas supostas “leituras perigosas” não era uma prática tão nova adotada pela instituição. É só lembrar da existência do *Index Librorum Prohibitorum* (*Índices dos Livros Proibidos*), uma coleção de livros e autores considerados heréticos, anticlericais ou lascivos, publicado pela primeira vez em 1555, durante o

²¹ Concílio Plenário de la América Latina. Roma, 1899, Título II, Cap. II, art. 113, <https://mercaba.org/CELAM/conci-04.htm>. “Entre los diversos géneros de asechanzas con que los astutos enemigos de la Iglesia y de la sociedad tratan de seducir y corromper a los pueblos, uno de los principales es el que hace tiempo suministra a sus perversos designios el mal uso del arte de la imprenta. Por consiguiente todo su empeño es publicar, divulgar y multiplicar continuamente folletos, periódicos y hojas sueltas, llenas de mentiras, calumnias y seducciones”.

pontificado de Paulo IV e reatualizado pelo Concílio de Trento.²²

No Brasil, durante a primeira metade do século XIX, percebe-se a atuação de sacerdotes católicos em meio a imprensa secular, como editores e redatores.²³ Este fato articula-se a questão dos altos gastos relacionados aos recursos materiais necessários para se manter um jornal, o que na época inviabilizou o surgimento de uma imprensa católica. Contudo, foi durante a conjuntura da Questão Religiosa (1872-1875), em que se verifica o surgimento desses jornais católicos. Compostos por sacerdotes e intelectuais católicos, esses órgãos de imprensa, em sua maioria, eram mantidos por meio da contribuição dos fiéis e leitores.²⁴

O jornal *O Apóstolo*, publicado de 1866 a 1901, no Rio de Janeiro, foi um notável exemplo do esforço da hierarquia católica a fim de criar mecanismos de defesa contra as críticas de seus opositores. Através de suas edições observamos a existência breve, em Alagoas, do periódico *Imprensa Catholica* e os seus debates com o *Labarum*, órgão representativo da maçonaria na Província. Assim, também a atuação de órgãos jornalísticos como o *Jornal de Penedo* e o *Diário de Alagoas* considerados aliados da causa católica.²⁵

Segundo Edgar da Silva Gomes, após a separação entre a Igreja e o Estado a organização de jornais católicos passou a ser incentivada pelo episcopado e pelos documentos pontifícios, como uma forma de lutar “pela religião e pela pátria”²⁶. Outras motivações também perpassavam o interesse da hierarquia católica em relação ao uso dos jornais como parte da instrumentalização da política ultramontana, entre elas a perspectiva de classe:

Nas condições de acirrada competição ideológica da época, e tendo em vista o agravamento da concorrência no campo religioso brasileiro, com a presença ofensiva das denominações protestantes e o surto de heresias e contestação religiosa (Canudos, Juazeiro e Contestado), a fundação de um jornal diário era um instrumento precioso

²² Márcia Abreu, “A liberdade e o erro: a ação da censura luso-brasileira (1769-1834)”, *Fênix: revista de história e Estudos Culturais*, v. 6, n. 3 (2009), pp. 1-23.

²³ Jérry Roberto Marin, “Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil”, *Religião e Sociedade*, v. 38, n. 3 (2018), pp. 197-217 (p. 200), <https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n3cap09>; Diego Omar Silveira, “A peleja pela Boa Imprensa: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil”, in *Anais do IX Encontro de História de Mídia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFPO)*, Minas Gerais, 2013, pp. 1-14 (p. 6).

²⁴ Edgar da Silva Gomes, “O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930)”, Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012, p. 251, <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12728>.

²⁵ Santos, *Imprensa Católica na Primeira República*, p. 73.

²⁶ Concílio Plenário de la América Latina. Roma, 1899, Título II, Cap. II, art. 113. <https://mercaba.org/CELAM/conci-04.htm>. “por la religión y por la pátria”.

para difusão das tomadas de posição em matéria polêmica envolvendo os interesses da Igreja no sistema de ensino e nas lutas políticas, contribuindo ainda para o êxito da cooptação de intelectuais leigos e para o adestramento de quadros promissores do clero para embates doutrinários com ateus, hereges, apóstatas, maçons, protestantes e porta-vozes de grupos políticos locais e estaduais discordantes das posições eclesiásticas ortodoxas. Uma vez que as classes abastadas constituíram então o público-alvo das iniciativas do prelado, as publicações diocesanas asseguravam a presença da Igreja numa das principais instâncias da luta ideológica e política da época.²⁷

Ao analisar a imprensa católica, é essencial considerar também o contexto de acesso à leitura durante o período de sua expansão. Dados do censo de 1890 revelam que aproximadamente 83% da população brasileira era analfabeta.²⁸ O analfabetismo, neste contexto, englobava indivíduos que não possuíam habilidades de leitura e escrita. Nesse contexto, as elevadas taxas de analfabetismo indicam que o acesso à imprensa, de maneira geral, estava relacionado com uma perspectiva de classe.

É importante reconhecer que, devido às limitações de acesso, o consumo da imprensa estava restrito não apenas àqueles com poder aquisitivo para adquirir as edições impressas, mas também apontava para quem detinha o controle da informação e da leitura. Contudo, é válido considerar que existiam outras formas pelas quais a parcela excluída da sociedade poderia absorver valores, discursos e ideias presentes no âmbito social, incluindo a prática de leitura coletiva ou em grupos.

A imprensa católica, dessa maneira, entra em cena com o intuito de disputar a atenção dos leitores com outros periódicos seculares e confessionais em circulação da sociedade. Sendo assim, os jornais sobre a tutela da Igreja Católica passaram a serem vistos como porta-vozes da hierarquia eclesiástica.²⁹ E, portanto, reprodutores dos discursos e valores associados ao catolicismo.

As disputas religiosas, através da imprensa, são verificadas ao cruzar as publicações de embates doutrinários travados entre jornais católicos e

²⁷ Sérgio Miceli, *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*, São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 155.

²⁸ Alceu Ravello Ferraro, "Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?", *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 81 (2002), pp. 21-47 (p. 27), <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100003>.

²⁹ André Luiz Caes, "As Portas do Inferno não prevalecerão: A espiritualidade Católica como estratégia Política (1872-1916)", Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, pp. 166-167, <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2002.224189>.

protestantes, por meio do uso das controvérsias religiosas. Para Ruth Amossy, o uso da polêmica no âmbito político e religioso é um artifício retórico, utilizado para desqualificar um adversário diante da esfera pública.³⁰ No caso específico das controvérsias religiosas entre o catolicismo e protestantismos, tais publicações são lidas como “expressões das lutas por posições no interior do campo religioso e ainda uma tentativa de cada uma das forças conquistarem ou preservarem os espaços já conquistados”.³¹

Temas como o dogma mariano, os cultos aos santos e a leitura e distribuição da Bíblia entre a população provocariam debates polêmicos na imprensa. Nesse contexto, é fundamental destacar o duplo sentido desse recurso retórico, que era empregado tanto pelo clero católico quanto pelos ministros protestantes. Para o catolicismo, a polêmica servia como uma ferramenta de legitimação de sua hegemonia no campo religioso. Já para o protestantismo, a polêmica garantia notoriedade e visibilidade, além de desempenhar um papel crucial na construção de sua própria identidade religiosa.³²

De fato, o uso de materiais propagandistas impressos, como: jornais, folhetos e livros foram uma das estratégias adotadas pelos movimentos missionários protestantes no Brasil durante os séculos XIX e XX³³ e, por meio da análise da imprensa católica, nota-se a reação do clero a circulação desses materiais proselitistas, através de alertas e denúncias aos seus leitores. Conforme afirmou Lyndon Santos:

A imprensa protestante também refletiu o estilo de fazer imprensa no Brasil na segunda metade do século XIX e início do século XX. Discutia os acontecimentos e os fatos circundantes no Brasil, polemizava com os católicos, fazia apologia da fé reformada, discutia os eventos políticos que afetavam a liberdade religiosa, veiculava informações do mundo evangélico, desde os grandes concílios até notícias de casamentos e de enfermidades. Um tipo de imprensa peculiar que abrangia desde questões amplas até notícias sociais. Foi, portanto, um importante instrumento de socialização e de formação de uma rede de contatos

³⁰ Ruth Amossy, *Apologia da polêmica*, São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 17.

³¹ Carlos Barros Gonçalves, “Unun corpus sumus in Cristo?: Iniciativa de fraternidade e cooperação protestante no Brasil (1888-1940)”, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015, p. 60, <https://hdl.handle.net/1884/40132>.

³² Lyndon de Araújo Santos, “As outras faces do Sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira”, Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004, p. 169, <http://hdl.handle.net/11449/103180>.

³³ Michelline Reinaux Vasconcelos, “As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)”, Tese (doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010, p. 32, <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12629>.

compartilhados por leitores evangélicos. Esta rede construiu um conjunto de ideias e ideais, comportamentos e condutas, posturas e posicionamentos, visões e interpretações de mundo, que viriam sedimentar um *ethos* protestante no Brasil. O cotidiano da vida destes protestantes era contemplado nestes periódicos, além dos desafios em formar certos hábitos e práticas diferenciadores do ser protestante.³⁴

Portanto, o papel desempenhado pela Boa Imprensa pode ser compreendido como uma resposta à necessidade da instituição católica de nivelar os mecanismos de disputa e competição em um cenário religioso brasileiro que emergiu após 1889. Esse contexto foi caracterizado por uma grande diversidade de filosofias e crenças religiosas. Essa dinâmica estabeleceu o campo de atuação social da Igreja Católica, tanto em escala nacional quanto regional.

É essencial considerar o alinhamento ideológico com a política ultramontana como um fator determinante. Esse alinhamento direcionou a reprodução de discursos com o propósito de deslegitimar e combater o protestantismo. Essas estratégias e confrontos podem ser observados de forma evidente na primeira década do século XX, por meio das páginas do jornal *A Fé Christã* de Penedo.

A Fé Christã e a circulação do antiprottestantismo em Alagoas (1902-1907)

A história da cidade de Penedo é marcada por diversas imprecisões relacionadas à sua origem. Entre os vários relatos divergentes, alguns autores afirmam que a antiga Vila de São Francisco foi estabelecida em 1560 por Duarte Coelho de Albuquerque e seu irmão, José de Albuquerque.³⁵ Essa fundação ocorreu juntamente com Porto Calvo, ao norte, e a vila de Santa Maria Madalena (hoje Marechal Deodoro), estabelecendo-se como uma das primeiras povoações no território ao sul da Capitania de Pernambuco, mais tarde reconhecido como Alagoas.

Situada às margens do Rio São Francisco, Penedo foi originalmente planejada para atuar como uma linha de defesa territorial entre o sertão e a zona da mata, com o propósito de proteger a região contra invasões estrangeiras e

³⁴ Santos, "As outras faces do Sagrado", pp. 95-96.

³⁵ Cícero Péricles de Carvalho, *Formação histórica de Alagoas*, Maceió: EDUFAL, 2015.

indígenas.³⁶ A fertilidade do solo local proporcionou um ambiente propício para o desenvolvimento da agricultura, destacando-se o cultivo de produtos como algodão, cana de açúcar, fumo, arroz, feijão, milho e a criação de gado.³⁷ Desde seus primeiros anos, a influência e presença do catolicismo na região de Penedo foram marcantes.

O primeiro templo católico da Vila de Penedo foi erguido em devoção a Nossa Senhora do Rosário, em 1615, por Cristóvão da Rocha³⁸, e, conforme relatado por Craveiro Costa, em 17 de setembro de 1660 teve início a construção de um Convento Franciscano. Esse convento teve seu início com a construção de uma pequena capela dedicada à Nossa Senhora dos Anjos, culminando com a celebração de sua primeira missa em um domingo de Ramos em 1661. O autor ainda destaca:

Habitado os mesmos religiosos durante 20 anos o pequeno recolhimento que tinham feito, deram começo ao atual convento, cuja primeira pedra foi colocada no alicerce aos 4 de outubro de 1682, sendo concluída a capela-mór aos 2 de fevereiro de 1689, quando nela foi celebrada a primeira missa.

Tem o convento em capela própria, construída do lado do Evangelho, consagração da Ordem 3ª da Penitência, a qual teve ali princípio e lhe foi dado o primeiro comissário em 29 de junho de 1709.³⁹

A presença dos frades franciscanos estava ligada ao papel desempenhado pelas ordens religiosas no processo de colonização e desbravamento do território do Alto São Francisco. Juntamente com outros movimentos missionários católicos ao longo dos séculos XVII a XIX, como os Jesuítas, Carmelitas e Capuchinhos, eles desempenharam um papel crucial na conversão e catequização dos nativos à doutrina católica.⁴⁰

A vila de Penedo foi elevada à condição de cidade pela Lei Provincial nº 3 de 18 de abril de 1842. De acordo com Thomaz Espíndola, a Freguesia de

³⁶ Craveiro Costa, *História de Alagoas: resumo didático*, Rio de Janeiro/Maceió: Melhoramentos/Sergasa, 1983, p. 14.

³⁷ Érica Aprígio de Albuquerque, "Do adro à praça: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo - AL", Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012, p. 105, <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5494>.

³⁸ Francisco Reinaldo Amorim de Barros, *ABC das Alagoas: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas*, Brasília: Senado Federal, 2005, Vol. 1, p. 380; Álvaro Queiroz, *Notas sobre a história da Igreja nas Alagoas*, Maceió: Edufal, 2015, p. 91.

³⁹ João Craveiro Costa e Torquato Cabral (orgs.), *Indicador Geral do Estado de Alagoas*, Maceió: EDUFAL/Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016, p. 267.

⁴⁰ Queiroz, *Notas sobre a história da Igreja nas Alagoas*, p. 35.

Penedo, além da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e da Igreja do Convento Franciscano de Nossa Senhora dos Anjos, possuía vinte e quatro capelas filiais sob sua jurisdição, sendo que nove delas estavam localizadas dentro da cidade, enquanto as demais se situavam em povoados próximos.

No tocante aos aspectos sociais, em 1902 a população da cidade de Penedo era composta por aproximadamente 15.030 habitantes. Nessa época, a localidade vivenciava um breve desenvolvimento industrial, com o estabelecimento de fábricas de tecidos, óleos, arroz, louça e outros itens destinados ao consumo da população.⁴¹

Entre o final do século XIX e o início do século XX, quando se iniciaram os diálogos para a implementação do projeto de criação do bispado de Alagoas, a cidade de Penedo, junto com Maceió e a Cidade das Alagoas (Marechal Deodoro), disputaram para se tornar a sede da jurisdição eclesiástica alagoana⁴², sendo que Maceió, a capital do estado, saiu vencedora desse processo. Nesse contexto, no início do século XX, emergiu o jornal católico A Fé Christã, cuja primeira edição foi lançada em 11 de janeiro de 1902. O periódico foi publicado pela tipografia O Trabalho, localizada na Travessa da Penha, de propriedade do senhor Achilles Mello.

Imagem 1 – Frontispício do Jornal A Fé Christã de 11 de janeiro de 1902



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

⁴¹ Costa e Cabral, *Indicador Geral do Estado de Alagoas*, p. 48.

⁴² Santos, *Imprensa Católica na Primeira República*, p. 90.

O *A Fé Christã*, em seu frontispício, se declarava como um “hebdomadário dedicado aos interesses católicos” (ver Imagem 1), como pode ser observado em seu subtítulo. Essa informação faz referência tanto a sua periodicidade semanal, quanto à linha ideológico-religiosa a qual o conteúdo do periódico irá seguir. Outro ponto a ser observado, na capa da primeira edição do jornal católico, são os seguintes dizeres: “Corpo de Redação: composto de diversos sacerdotes e seculares de devida competência”, demarcando a atuação do clero e intelectuais católicos como autores e redatores dos textos publicados nas páginas do periódico. Na coluna *Expediente*, por exemplo, notam-se as informações necessárias para a realização de doações com intuito de ajudar o periódico e além de constar os preços das assinaturas (valores divididos de forma trimestral, semestral e anual).

Cada edição do jornal possuía aproximadamente quatro páginas. Essa quantidade poderia variar caso fosse publicado uma edição especial. Dessas quatro páginas, três eram dedicadas a publicações de artigos de teor político-teológico e notas informativas. Na última página pode-se notar a inclusão de anúncios de propagandas que eram cobrados por linhas publicadas no valor correspondente a \$200 réis.

Devido à restrição de espaço nas páginas da sua primeira edição, os redatores do *A Fé Christã* optaram por publicar, na semana seguinte, no dia 18 de janeiro de 1902, um editorial intitulado com o mesmo nome do jornal, destacando a linha ideológica a ser seguida pelo periódico⁴³. Por meio da leitura dessa publicação notam-se críticas ao que os autores entendem como *tempos modernos*, a imprensa como meio de influência e propagação de ideias profanas e nefastas na sociedade, aos deísmos que levariam os indivíduos a descrença e ao protestantismo. Segundo o texto do jornal, todos esses aspectos pontuados são frutos da influência da Reforma Protestante do séc. XVI. Em dado momento o autor do editorial elabora críticas à presença de protestantes na cidade de Penedo, como se pode ler:

Todas as cidades e quase todas as vilas e povoações estão infestadas desses verdadeiros *micróbios morais*, que vão viciando e carcomendo o organismo religioso do país.

Aqui, no Penedo, já fizeram *acampamento os filhos do apostada Lutero*, o fundador da *tal seita*. Mas, confiamos, não tardarão a levanta-lo, pois o catolicismo tem raízes profunda no coração dos penedenses, que sabem respeitar as crenças religiosas que herdaram dos seus antepassados e não trocam pelas doutrinais subversivas de outra

⁴³ *A Fé Christã*, Penedo, 18 jan. 1902, p.2.

qualquer religião a doutrina pura e consoladora da religião Católica Apostólica Romana.⁴⁴

No trecho anterior observam-se dois aspectos: primeiro uma crítica a presença de protestantes/evangélicos na cidade de Penedo. Ao consultar as memórias confessionais averígua-se que a frase “acampamento dos filhos do apostada Lutero” faz referência a comunidade batista, organizada em 15 de dezembro de 1901 pelo ministro Antônio Marques da Silva.⁴⁵ Outro ponto a se inferir a partir do texto é a relação entre protestantismo, a imprensa e a distribuição de folhetos. Como se sabe, um dos meios de propagação da doutrina protestante adotada pelos missionários e colportores contratados pelas Sociedades Bíblicas Internacionais (SBI), consistia na distribuição de materiais impressos. O Jornal *O Baptista* de 28 de março de 1902, mais de dois meses após o lançamento do *A Fé Christã*, traz uma pequena nota na qual afirma que em Alagoas haveria a distribuição de três jornais protestantes: *O Missionário*, *O Chistão Brasileiro* e *O Baptista*.⁴⁶

Quando o autor do editorial afirma que “por toda parte eles [missionários evangélicos] espalham os seus folhetos, seus livros e os seus jornais”⁴⁷, é provável que essa passagem do texto faça referência a circulação dos periódicos protestantes anteriormente mencionados. Dessa forma, o hebdomadário católico, se alinha ao discurso institucional-religioso da época e por meio das suas páginas buscou combater doutrinas heterodoxas, entre elas a propaganda protestante como pode ser observado na sua edição de 10 de maio de 1902:

PROPAGANDA DO ERRO – Insiste na vendagem de livros heréticos, nesta cidade, um emissário protestante. Nesta semana o tal tipo fez pousada no mercado público contando *potóca*[sic], dizendo asneiras de todo quilate[sic], *procurando iludir homens mulheres ignorantes* e gente de maus costumes, que quase sempre são quem, por má índole, aceita o erro e a impiedade como forma de religião. (...) De novo ainda prevenimos aos católicos: não os assistam, não comprem, não aceite, não leiam os seus livros dos *correios de Satanás* e caso haja algum católico perturbado pela *infernall propaganda da seita maligna*, lembramos a conveniência de se dirigir, sem perder tempo, a qualquer sacerdote desta cidade para esclarecido sobre a

⁴⁴ *A Fé Christã*, 18 jan. 1902, p. 2.

⁴⁵ Asa Routh Crabtree, *História dos Batistas no Brasil: até 1906*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962, p. 232.

⁴⁶ *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1902, p. 4.

⁴⁷ *A Fé Christã*, 18 jan. 1902, p. 2.

ponte duvidosa ou de desgraça em que se achar. Garantimos que todos serão esclarecidos e ficarão firmes na Religião Santa, ensinada pelos nossos pais.⁴⁸

O texto acima complementa outra publicação feita sete dias antes, no dia 3 de maio, no qual o periódico denuncia a ação de vendedor de livros protestantes, provavelmente um colportor na localidade de Penedo. Na publicação essa perspectiva fica mais nítida ao ser mencionado dois personagens: Aristides Tete e João Barbeiro que, supostamente, atuaram nas proximidades de Imboacica (ou Ibocica, localidade da freguesia de Triunfo, também conhecida como Igreja Nova) e na Vila Nova (povoado da região de Sergipe que faz fronteiras com Penedo, hoje denominada como Neópolis). Nota-se os adjetivos usados pelo autor do texto, tais como: “correios de Satanás”, “infernai propaganda”, “seita maligna” em referência tanto aos materiais proselitistas, quanto ao próprio protestantismo.

Esses termos trazem um aspecto ideológico com o objetivo de inferiorizar outra expressão religiosa. Além de representar também uma forma de manifestação de violência simbólica, visando a demonização dos adversários do catolicismo. Ainda em relação ao artigo, chama a atenção em sua estrutura o fato de que o autor teve a intenção de desenvolver uma interação social com seu leitor. Dessa forma mantendo um diálogo de locutor e interlocutor. Para Voloshinov/Bakhtin, esse tipo de interação-relação são os aspectos centrais das relações dialógicas dos discursos. Segundo qual as palavras do locutor são orientadas para alguém, ou seja, o interlocutor, no caso do *A Fé Cristã*, o leitor. Conforme afirma:

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor.⁴⁹

⁴⁸ *A Fé Cristã*, 10 mai. 1902, p. 3 - Grifo nosso.

⁴⁹ Valentin Volóchinov (Círculo de Bakhtin), *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, São Paulo: Editora 34, 2018, p. 205.

Tal aspecto aponta a materialidade e a circulação do discurso antiprotestante. Percebe-se que os textos publicados no *A Fé Christã* faz menção as religiões evangélicas, tanto em forma de sátiras, críticas ou controvérsias doutrinárias. E, por meio do estilo textual utilizado pelos autores que se observa o dialogismo com seus leitores, como receptores principais da mensagem do locutor. Entre as entrelinhas do período católico ainda se percebe a presença do uso intencional do discurso religioso para atingir seus adversários. A partir dessas publicações podemos estabelecer o seguinte quadro:

Quadro 1 - Publicações no A Fé Christã sobre o protestantismo

ANO	QUANTITATIVO DE PUBLICAÇÕES
1902	57
1903	57
1904	68
1905	19
1906	39
1907	08
TOTAL	238

Fonte: O autor com base em pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira (FBN).

O quadro acima apresenta a quantificação das publicações no jornal católico em relação às religiões evangélicas. Durante o período de 1902 a 1907, quando o *A Fé Christã* desempenhou seu papel como órgão da imprensa católica em Alagoas, podem-se observar duas tendências distintas. A primeira delas é a continuidade temática, que se estende de 1902 a 1904, caracterizada por conteúdos alinhados a ideias antiprotestantes. Posteriormente, há uma oscilação nos anos de 1905 a 1907, indicando uma possível diminuição nas tiragens e na circulação do periódico. Esse período também pode corresponder ao declínio gradual de suas atividades, culminando eventualmente em seu encerramento.

Ainda em relação a essa fase de *continuidade*, pressupõe que o intenso quantitativo de publicações contra as doutrinas evangélicas, nesses anos, corresponde ao alinhamento do periódico com os ataques direcionados ao missionário batista Salomão Ginsburg e a outras lideranças evangélicas em Recife, por meio da Liga Antiprotestante, iniciativa organizada pelos frades capuchinhos do Convento de Nossa Senhora da Penha. Liderada pelo Frei Celestino di Pedavoli a associação religiosa possuía uma coluna denominada *Combates ao Protestantismo*, no jornal *A Província*. Algumas das publicações desse período foram transcritas no *A Fé Christã* indicando uma provável circularidade de discursos religiosos.

A proposta da organização da *Liga*, como também era denominada a associação religiosa, surgiu em 4 de junho de 1902, durante o Congresso Católico Pernambuco, ou seja, cinco meses depois da primeira edição do *A Fé Christã*. Entre os seus membros havia o padre Hermeto Pinheiro⁵⁰, alagoano, um dos prováveis elos de comunicação entre o jornal penedense e a associação religiosa pernambucana. O surgimento de uma organização religiosa no estado vizinho, a fim de combater um inimigo em comum deram um tom mais hostil aos textos do periódico católico. O estreitamento das relações entre o *A Fé Christã* e a *Liga* como interlocutores do discurso antiprotestante pode ser mais bem observado a partir de 1903:

PERNAMBUCO CATHOLICO. - Vão tomando grande incremento no vizinho Estado A Liga contra o Protestantismo e a Federação Christã, de operários, importante instituições a pouco fundadas no Recife. Com a Liga acha-se identificada a quase totalidade dos habitantes da grande Capital; com a Federação, a maioria dos operários e oficinas do Recife e do Interior. Esplendida manifestação de sentimentos religiosos do povo Pernambucano.⁵¹

Como se vê, o autor do texto faz um singelo elogio a atuação de duas associações religiosas fundadas em Pernambuco: a já mencionada Liga Antiprotestantes e a Federação Operária Cristã, ambas fundadas no ano anterior (1902). A demonstração de apreço se deu ao episódio da queima de bíblias protestantes, protagonizado pelos membros da Liga sob a liderança dos frades capuchinhos, no qual às 8 horas da manhã, do dia 22 de fevereiro, cerca de 2000 pessoas compareceram ao pátio da Igreja da Penha, Recife. Conforme afirma o periódico: "foram lançados ao fogo 214 exemplares de bíblias falsificadas, mutiladas e adulteradas, que o chefe protestante Salomão Ginsburg havia distribuído entre alguns católicos naquela diocese".⁵²

O fato é que os ataques direcionados pelo hebdomadário penedense à Salomão Ginsburg não se resumiram apenas a atuação do ministro batista em

⁵⁰ Hermeto José Pinheiro nasceu em Traipu, Alagoas, em 28 de agosto de 1870. Estudou no Seminário de Olinda, ordenando-se em 1895. Lecionou Filosofia no mesmo estabelecimento eclesiástico. Consagrado bispo no ano de 1911. Sua ordenação episcopal aconteceu no dia 17 de março de 1912, na Matriz de Boa Vista, no Recife, onde era vigário, e assumiu como lema de vida episcopal: *In Te Domini Speravi* [em ti Senhor, eu confio]. Tomou posse na Diocese de Uruguaiana no dia 19 de maio de 1912, permanecendo à frente dela por 29 anos. Faleceu no dia 3 de novembro de 1941, em Uruguaiana, aos 71 anos. Ver Barros, *ABC das Alagoas: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas*, Vol. 2, p. 405.

⁵¹ *A Fé Christã*, 14 mar. 1903, p. 3.

⁵² *A Fé Christã*, 14 mar. 1903, p. 3.

Pernambuco, como uma mera reprodução dos conflitos desencadeados no estado vizinho. Há a ressignificação e a transposição desses conflitos, nas vezes que Ginsburg precisava visitar as comunidades religiosas fundadas no território alagoano. Na edição do dia 14 de fevereiro de 1903, por exemplo, pode ser lida uma missiva enviada ao jornal em 22 de janeiro daquele mesmo ano. O autor da carta assina com o pseudônimo de “S.” e descreve a vinda do ministro evangélico a Maceió, capital de Alagoas. O que chama atenção é o sarcasmo na escrita da correspondência, como pode ser lida a seguir:

Acha-se nessa cidade o famigerado judeu pregador das doutrinas luteranas, Salomão Ginsburg, que ultimamente no Recife em discussão desbragada com os denodados palatinos da Liga Antiprotestantes, teve de dar às de Villa-Diogo, apesar de instantemente provocado para reaparecer em cena.

Segundo Li no Gutenberg de 20 do corrente [janeiro], este *missionário* do erro veio a esta capital com o intuito de ir a Atalaia, saber qual a razão de haver se acabado naquele lugar a igreja pseudo-evangélica.

Coisa muito simples de saber-se, sr. Salomão! si a tal *igrejinha* levou à breca, foi devido a isto: aos insultos que o petulante *diácono*(?) Chico Sandes jorrava em presença de muitos católicos atalaienses que por curiosidade iam ouvi-lo, às inúmeras blasfêmias golfadas contra a verdade Igreja de Jesus Cristo - a Católica Romana - contra seus dogmas, contra o vigário de Jesus Cristos, terminando sempre seus *cultos* pedindo a que aquele digníssimo povo católico abjurasse o *romanismo*(sic) e abraçasse o satanizado protestantismo que é (no seu bestunto) o único a dar alívio as almas!⁵³

O fragmento da carta enviada ao *A Fé Christã* possui algumas particularidades que merecem análise. Em primeiro lugar, chama a atenção o uso do termo ambíguo “famigerado judeu” na primeira frase. A palavra “famigerado” pode se referir a alguém “que tem muita fama; célebre, renomado, notório”⁵⁴, mas também pode ser utilizada, de forma pejorativa, para designar a “alguém de má reputação”⁵⁵. Neste caso, o termo “famigerado” está

⁵³ “Missiva de Maceió”, *A Fé Christã*, 14 fev. 1903, p. 3.

⁵⁴ Verbete “Famigerado”, in Antônio Geraldo da Cunha. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009, p. 285.

⁵⁵ Verbete “Famigerado”, in Michaelis, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos, 2015. <https://michaelis.uol.com.br/>.

correlacionado com o termo subsequente, "judeu", uma referência à ascendência judaica de Salomão Ginsburg. Isso sugere uma possível conotação antisemita por parte do autor.

À medida que se lê a missiva, torna-se evidente a intenção de Ginsburg durante sua visita a Maceió: investigar os motivos que levaram ao fechamento da pequena congregação batista localizada no município de Atalaia, ao noroeste da capital de Alagoas. O modo como o autor escreve e se dirige aos seus "adversários" de forma irreverente é notável. O ministro batista Francisco Sandes é chamado ironicamente de "Chico". O uso da sátira e da ironia também permeia outras palavras utilizadas ao longo da construção narrativa da correspondência. Termos como "missionário", "igreja", "igrejinha", "diácono", "culto", "romanismo" e "reformadores" aparecem no texto destacados em *itálico*, demonstrando o desprezo de "S" em relação a aspectos do protestantismo que ele considera heréticos.

No segundo momento o autor propõe explicar a Ginsburg o motivo pelo qual a Igreja Batista em Atalaia foi encerrada. Essa parte do relato, mais uma vez, propõe um viés tanto de diálogo com seu opositor, como também de confronto. Na missiva é mencionada a atuação de Padre Pio Correia Santos, Pároco de Atalaia, como principal responsável por "exortar as suas ovelhas dizendo-lhes numa de suas missas conventuais que evitassem o contágio desses reformadores da época, desses 'lobos em pele de cordeiro'".

Neste ponto se indica a compreensão do poder de propagação que possui o discurso religioso. O sociólogo Pierre Bourdieu chama a atenção para o papel da "mensagem", segundo ele construída pelo corpo de especialistas do sagrado (clero, intelectuais e eruditos) e que se interliga em quatro sentidos intrínsecos: o de produção, o de reprodução, a da circulação e da interpretação.⁵⁶ Em outras palavras, as mensagens religiosas são desenvolvidas e reproduzidas com um determinado objetivo, justificam determinados preceitos, crenças e doutrinas. Na medida em que circulam são interpretadas de acordo com os interesses de determinados grupos religiosos e sociais e, por fim, ressignificados de acordo com a conjuntura histórica.

Ainda segundo Bourdieu, o intuito da mensagem religiosa encontra-se ligado à legitimação da ordem social e política vigente, atribuindo à práxis discursiva um instrumento para a sua representação.⁵⁷ Contudo, é importante considerar que, em certos casos, dependendo de fatores sociais e da conjuntura histórica, a mensagem religiosa pode adquirir um caráter de contestação à ordem estabelecida. Sendo assim, a noção de "discurso religioso" pode ser compreendida em dois planos: um plano temporal, onde se situam os sujeitos

⁵⁶ Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas*, p. 51.

⁵⁷ Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas*, p. 52.

com suas representações religiosas concretas e imediatas, e um plano espiritual, onde se situam o sujeito e seus mecanismos de influência sobre outros indivíduos.⁵⁸ Conforme sugere Mônica Maria de Souza Melo, as noções de “palavra” e de “escrita” presentes nas religiões orientam os discursos produzidos (por exemplo as homilias, pregações), e definem os meios e as finalidades da ação religiosa sobre a instância leiga e o corpo eclesiástico.⁵⁹

Dessa forma, lê-se na missiva enviada ao *A Fé Christã* que o Padre Pio direcionava os seus sermões durante as missas a fim de combater a provável “influência da protestante” entre os seus paroquianos. Percebe-se a utilização de recursos retóricos e simbólicos que reforçam as representações negativas que o catolicismo construiu em torno dos movimentos reformadores. Essas representações simbólicas são embutidas de ideologias religiosas, e em seu interior pode ser compreendida como elementos legitimadores de ações/práticas de violência contra supostas ameaças e adversários religiosos.

Contudo, existem duas considerações a serem feitas, a respeito dos fatos narrados na publicação do *A Fé Christã*. De fato, no final do mês de janeiro de 1903 podem ser encontradas informações sobre uma visita regular realizada por Salomão Ginsburg à Igreja Batista de Maceió⁶⁰, que pode estar correlacionada a causa narrada pelo jornal católico. Na edição de 12 de dezembro de 1902 do *Jornal O Baptista*, encontramos um artigo intitulado “Perseguição em Atalaia”, escrito pelo próprio Salomão Ginsburg. Nesse artigo, o ministro descreve o conflito que resultou no fechamento da comunidade batista em Atalaia e estabelece uma relação entre as ações da Liga Antiprotestante em Pernambuco e a violência religiosa enfrentada por Francisco Sandes em Alagoas.⁶¹ Por meio das narrativas de Ginsburg, é possível obter uma descrição mais detalhada do caso de violência religiosa ocorrido em Atalaia:

É o caso que na noite de quinta-feira, 27 de novembro [1902], quando nosso zeloso irmão Francisco Sandes estava dirigindo o culto do costume, um grupo de dez pessoas, todas mascaradas penetraram no salão de cultos e sem a mínima provocação da parte dos fiéis, inutilizaram todos os móveis que ali achava: bancos, cadeiras, lampiões,

⁵⁸ Eliana de Almeida, “Discurso religioso: um espaço simbólico entre o céu e a terra”, Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000, p. 46, <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2000.190614>.

⁵⁹ Mônica Maria de Souza Melo (org). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017, p. 144.

⁶⁰ *O Jornal Baptista*, 14 fev. 1903, p. 4.

⁶¹ Ginsburg, Salomão L. “Perseguição em Atalaia (Alagoas)”, *O Jornal Baptista*, 12 dez. 1902, pp. 1-2.

mesas, etc.; etc. Felizmente não tocaram em nenhum dos crentes, porém prometeram assassinar a todos se a propaganda continuasse por mais algum tempo. Facilmente se pode imaginar o resultado. Nosso irmão Sandes retirou-se com sua família para Maceió e o trabalho de Jesus na cidade de Atalaia está acéfalo até consigamos arranjar meios para comprar novos bancos e móveis novos para podermos continuar os cultos do costume.⁶²

O episódio que ocorreu com Francisco Sandes, em Alagoas, não foi um caso isolado. Relatos parecidos podem ser encontrados nas memórias confessionais e nas páginas dos periódicos protestantes. Tais acontecimentos demonstram o nível de disputas no campo religioso. No caso descrito em Atalaia ainda há um dado a ser apontado: A intercessão dos missionários protestantes junto ao sr. Euclides Malta, então governador do Estado de Alagoas. Esse ponto pode ser examinado a partir de duas óticas: uma católica, materializada no texto do *A Fé Christã*, para o qual a ida do ministro evangélico ao chefe administrativo estadual “conta-lhe coisas do arco da velha”⁶³. A outra visão é a evangélica, presente no *Jornal O Baptista*, que compreende Euclides Malta como um político empenhado em investigar quem seriam os responsáveis pelo crime de intolerância religiosa.⁶⁴

Certamente, a menção ao Governador de Alagoas delimita um espaço de negociação que ao mesmo tempo revela as complexas relações de poder que permeavam a dinâmica religiosa. Para os grupos protestantes, tais interações e diálogos com as forças políticas locais eram essenciais para estabelecer redes de sociabilidade que viabilizassem o cumprimento das garantias legais de liberdade de culto.

Através do que foi discutido ao longo deste texto, emerge a compreensão de que a atuação do clero por meio da imprensa estava voltada para alertar e denunciar aos leitores. O objetivo dessas publicações era afastar os fiéis da mensagem disseminada pelos ministros evangélicos. Dentro desse discurso, o dualismo retórico é evidente, com o contraste de “nós contra eles”, do bem versus o mal, da religião verdadeira em oposição à heresia. Esse aspecto torna-se novamente perceptível ao examinar a nota intitulada “Um forasteiro”, veiculada na edição de 9 de fevereiro de 1907 do *A Fé Christã*:

⁶² Ginsburg, Salomão L. “Perseguição em Atalaia (Alagoas)”, *O Jornal Baptista*, 12 dez. 1902, pp. 1-2.

⁶³ “Missiva de Maceió”. *A Fé Christã*, 14 fev. 1903, p. 3.

⁶⁴ Ginsburg, Salomão L. “Perseguição em Atalaia (Alagoas)”, *O Jornal Baptista*, 12 dez. 1902, p. 2.

Acha-se nesta cidade, vindo no último vapor do Norte, o celebre Salomão, protestante que tem estes dias feito falação, chamando o povo incauto a ouvir a doutrina do irrequieto Lutero, que, como Judas, no momento de desespero, morreu enforcado.

Prevenimos ao povo católico que não assista a pregação do irreligioso Salomão, não ouça sua manhosa cantilena, não aceite os seus livros, folhetos e jornais ímpios.

Cuidado, povo católico.

Ouçamos somente a palavra dos Ministros da Religião Católica, que é a única, verdadeira, instituída por N. Senhor Jesus Cristo.

Todo o ensino que não está de acordo com a santa Madre Igreja, é falso, é um invento grosseiro.

Cuidado com o Salomão e outros embusteiros!

Estejamos sempre na presença de Jesus, Maria Santíssima e seus santos para que a palavra não nos atinja. Para que o porta-voz da mentira não tire proveito entre os nossos patrícios despercebidos.

Satanás é sagaz, sabe enganar, também acredita na existência de Deus; e os seus emissários pela mesma forma também, falem em Deus para iludir.

O próprio demônio tentou, pretendeu enganar o próprio Jesus Cristo, que o repeliu.

Cuidado com o Salomão.⁶⁵

O fragmento anterior demonstra de forma explícita tanto uma perspectiva de alerta aos leitores e a fiéis católicos, quanto o viés de confronto, uma tentativa por parte do clero em desmoralizar as lideranças evangélicas. Ao afirmar que Salomão Ginsburg estaria “chamando o povo incauto a ouvir a doutrina do irrequieto Lutero”, o autor não identificado associa a propaganda protestante à ignorância da população. Esse tipo de afirmação não era algo novo para a época, era a reprodução de outros discursos semelhantes. Para o clero, falta de instrução e conhecimento eram os principais fatores que levariam a população a serem enganadas pelo protestantismo e por outras formas de apostasias da modernidade. Segundo Scott Mainwaring, as classes populares teriam mais predisposição a assimilar outras formas de doutrinas religiosas, o que, por outro lado, era percebido como um dos principais desafios enfrentados pelo catolicismo.⁶⁶

⁶⁵ “Notícias”, *A Fé Christã*, 9 fev. 1907, p. 3.

⁶⁶ Scott Mainwaring. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 50.

Além disso, o texto também reflete novamente a prática discursiva de demonização dos movimentos reformados. Essa associação tem o intuito de retratar o Protestantismo como algo maligno, que profana e blasfema contra a doutrina católica. O tom utilizado nessas passagens e em outros textos presentes no periódico de Penedo se enquadram como ferramentas empregadas pela instituição católica para reforçar sua hegemonia e seu papel como a verdadeira religião detentora dos bens de salvação da sociedade.

Considerações finais

Entre os finais do século XIX e o começo do XX, a Igreja Católica se viu diante de um campo religioso pluralizado, marcado pela coexistência, muitas vezes conflituosa, com outras expressões filosóficas e de crenças. O alinhamento da estrutura católica no Brasil com a política ultramontana (ou romanização) constituiu-se com uma das estratégias adotadas pela Instituição Religiosa, afim de manter seu poder hegemônico, por meio da tentativa de reaproximação com setores privilegiados da sociedade.

Paralelo a esses acontecimentos, ocorreu a consolidação dos órgãos jornalísticos como um dos principais veículos de circulação de ideias entre as classes sociais. Essa característica somada a utilização da imprensa como ferramenta de propaganda proselitistas, motivou a organização de uma imprensa católica que buscasse defender os interesses da instituição religiosa.

A *Boa Imprensa*, nesse contexto, emerge como uma resposta à imprensa que era considerada profana, a qual supostamente levava os leitores a incorrerem em erros contrários às doutrinas católicas. Fundamentada nas discussões do Concílio Plenário Latino-americano de 1899, setores da Igreja Católica passaram a organizar uma imprensa engajada e apologética, com o objetivo de defender seus interesses e valores.

O crescimento do protestantismo no Brasil a partir da segunda metade do século XIX tornou-se um dos principais desafios a serem enfrentados. Grupos presbiterianos, batistas, metodistas e congregacionais já utilizavam materiais impressos como parte de suas estratégias de divulgação e propaganda.

Nessa nova realidade, a disputa por espaços sociais e pelo controle do capital religioso, a imprensa surge como uma arena de conflitos, cuja finalidade é influenciar as opiniões do público leitor. Além dessa característica, a utilização dos periódicos por católicos e evangélicos demarcam uma busca pela construção de uma identidade religiosa, manifestada através dos discursos religiosos.

O discurso antiprotestante, então, surge como um aspecto dessa busca por identidade, na medida em que é preciso desclassificar, demonizar o *outro* (no caso o Protestantismo) para poder se legitimar diante do campo religioso. O jornal penedense *A Fé Christã* exemplifica essa prática discursiva ao reforçar nos enunciados publicados em suas páginas imagens negativas dos adeptos do protestantismo, sempre como indivíduos perversos, enganadores e com a missão de levar a população ao erro e a heresia.

É possível observar a intencionalidade nos textos publicados no periódico católico, o uso de figuras de linguagem e metáforas indicam a tentativa de estabelecer um diálogo entre autor e leitor por meio da utilização de termos e de um vocábulo de fácil compressão. Dessa forma, o objetivo da mensagem produzida pelo *A Fé Christã* é falar diretamente ao seu público consumidor.

O texto, enquanto instrumento ideológico, reflete as dinâmicas das disputas entre diferentes visões de mundo presentes na sociedade. Assim, o jornal *A Fé Christã*, por estar alinhado aos interesses católicos, desempenha o papel de disseminar um discurso antiprotestante, o qual frequentemente é apropriado e reinterpretado por seus leitores. Como veículo para a divulgação de uma mensagem religiosa, os conteúdos do periódico católico assemelham-se a sermões, com o intuito de exortar e instruir os fiéis. Nesse sentido, o discurso antiprotestante pode ser considerado como um dos mecanismos que legitimam a manifestação de sentimentos de ódio e ações violentas dirigidas ao Protestantismo e outras expressões religiosas.

Referências bibliográficas

Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (orgs.), *História da imprensa no Brasil*, São Paulo: Contexto, 2008.

Alceu Ravello Ferraro, “Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?”, *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 81 (2002), pp. 21-47, <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100003>.

Álvaro Queiroz, *Notas sobre a história da Igreja nas Alagoas*, Maceió: Edufal, 2015.

André Luiz Caes, “As Portas do Inferno não prevalecerão: A espiritualidade Católica como estratégica Política (1872-1916)”, Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2002.224189>.

Asa Routh Crabtree, *História dos Batistas no Brasil: até 1906*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

Carlos Barros Gonçalves, “Unun corpus sumus in Cristo?: Iniciativa de fraternidade e cooperação protestante no Brasil (1888-1940)”, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015, <https://hdl.handle.net/1884/40132>.

César Leandro Santos Gomes, “Por mercê de Deus e da Santa Sé: as representações do projeto de reestruturação católica no bispado de Dom Antônio Manoel Castilho Brandão, Alagoas (1901-1910)”, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019, <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/5610>.

Cícero Pérciles de Carvalho, *Formação histórica de Alagoas*, Maceió: EDUFAL, 2015.

Craveiro Costa, *História de Alagoas: resumo didático*, Rio de Janeiro/Maceió: Melhoramentos/Sergasa, 1983.

Diego Omar Silveira, “A peleja pela Boa Imprensa: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil”, in *Anais do IX Encontro de História de Mídia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFPO)*, Minas Gerais, 2013, pp. 1-14.

Edgar da Silva Gomes, “O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930)”, Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012, <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12728>.

Eliana de Almeida, “Discurso religioso: um espaço simbólico entre o céu e a terra”, Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de

Estudos da Linguagem, Campinas, 2000,
<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2000.190614>.

Érica Aprígio de Albuquerque, “Do adro à praça: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo - AL”, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012,
<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5494>.

Francisco Reinaldo Amorim de Barros, *ABC das Alagoas: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas*, Brasília: Senado Federal, 2005.

George Duby, “Heresias e sociedade na Europa pré-industrial, séc. XI - XVIII”, in *Idade Média, Idade dos Homens: de amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 206-216.

Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Cunha Peixoto, “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”, *Projeto História*, v. 35, n. 2 (2007), pp. 253-270.

Helena H. Nagamine Brandão, “Escrita, leitura, dialogicidade”, in Beth Brait (org.), *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*, Campinas: Editora UNICAMP, 1997, pp. 281-290.

Irene A. Machado, “Texto como enunciação: A abordagem de Mikhail Bakhtin”, *Língua e Literatura*, v. 22 (1996), pp. 89-105, <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.1996.114125>.

Irinéia Maria Franco dos Santos, *Imprensa Católica na Primeira República: uma história social do heddomadário A Fé Christã (Penedo/Alagoas)*, Maceió: EDUFAL, 2019.

Jacques Le Goff, *História e memória*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

Jérri Roberto Marin, “Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil”, *Religião e Sociedade*, v. 38, n. 3 (2018), pp. 197-217, <https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n3cap09>.

João Craveiro Costa e Torquato Cabral (orgs.), *Indicador Geral do Estado de Alagoas*, Maceió: EDUFAL/Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016.

José D'Assunção Barros, *O jornal como fonte histórica*, Petrópolis: Vozes, 2023.

José Luiz Fiorin, “Organização linguística do discurso: enunciação e comunicação”, in Roseli Figaro (org.). *Comunicação e Análise do Discurso*, São Paulo: Contexto, 2012, pp. 47-78.

Lyndon de Araújo Santos, “As outras faces do Sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira”, Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual

Paulista, Assis, 2004, <http://hdl.handle.net/11449/103180>.

Márcia Abreu, "A liberdade e o erro: a ação da censura luso-brasileira (1769-1834)", *Fênix: revista de história e Estudos Culturais*, v. 6, n. 3 (2009), pp. 1-23.

Maria Helena Rolim Capelato, *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

Michelline Reinaux Vasconcelos, "As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)", Tese (doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010, <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12629>.

Mikhail Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, São Paulo: Editora 34, 2016.

Mônica Maria de Souza Melo (org). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

Norbert Elias, *A sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Peter Burke, *O que é história cultural*, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Pierre Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2007.

Ruth Amossy, *Apologia da polêmica*, São Paulo: Editora Contexto, 2017.

Sérgio Miceli, *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Sérgio Miceli, "Introdução: A força do sentido", in Pierre Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2007, pp, VII-LXI.

Valentin Volóchinov (Círculo de Bakhtin), *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, São Paulo: Editora 34, 2018.

Artigo recebido em 19-12-2023. Aceito para publicação em 18-03-2024.

Citação: César Leandro Santos Gomes, "'A nova-seita não irá prosperar': o discurso antiprotestante no jornal *A Fé Christã* (Penedo/AL) (1902-1907)", *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 42, (2024), pp. 1-31.

Contato do autor: César Leandro Santos Gomes: cesarl.gomes@hotmail.com.